

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

**FERNANDA MIRANDA CALDEIRA**

**POSSÍVEIS CAMINHOS PARA A PULSÃO DE MORTE**

**BELO HORIZONTE**

**2017**

**FERNANDA MIRANDA CALDEIRA**

**POSSÍVEIS CAMINHOS PARA A PULSÃO DE MORTE**

Monografia apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

Orientador: Prof. Verlaine Freitas.

**BELO HORIZONTE**

**2017**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Verlaine pela paciência e dedicação neste trabalho, aos meus pais por possibilitarem mais uma etapa do meu aprendizado, e ao Yuri, amor da minha vida, que está sempre ao meu lado em todos os momentos.

## **RESUMO**

Após alguns anos de estudos e observações, Freud deparou-se com uma força que impulsionava o ser humano a buscar o estado inorgânico, denominando-a “pulsão de morte”, sem, contudo, aprofundar suas investigações sobre o tema, o que motivou nossa pesquisa por entender melhor o conceito de pulsão de morte tanto em Freud, quanto em pensadores que o sucederam. Iniciamos com a apresentação do conceito geral freudiano de pulsão, descrevendo seus elementos primordiais, como fonte, objeto, meta e pressão. Passamos em seguida às considerações fundamentais presentes em “O inconsciente e o ego”, apresentando a emergência do conceito de pulsão de morte em contraposição à pulsão de vida. No segundo capítulo tecemos breves observações sobre algumas leituras desse conceito, detendo-nos na concepção de Jean Laplanche da pulsão sexual de morte.

**Palavras-chave:** Freud, Pulsão, Pulsão de morte.

## **ABSTRACT**

After some years of study and observations, Freud has faced a force that impels the human being to crave the inorganic state, and called it “death drive”, but has not deepened his investigation; this has motivated our research for better understanding this concept, not only in Freud but in other authors as well. We start by presenting the general Freudian concept of “drive”, describing its primordial traits, as source, object, goal and pressure. We pass, then, to the fundamental considerations present in “The Unconscious and the Ego”, presenting the emergency of the death drive concept as opposed to the life drive. In the second chapter, we approach briefly some readings of this concept, and consider at length the conception of Jean Laplanche of the sexual death drive.

**Key-words:**

Freud, Drive, Death Drive.

**Fernanda Miranda Caldeira**

## **POSSÍVEIS CAMINHOS PARA A PULSÃO DE MORTE**

Monografia apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

Banca Examinadora:

---

Verlaine Freitas (Orientador) – UFMG

---

Izabela Dias Veludo Roman – UFMG

---

Alberto Luiz Rodrigues Timo – UFMG

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
CAPÍTULO 1. CONCEITO DE PULSÃO EM FREUD .....	9
CAPITULO 2. A PULSÃO DE MORTE .....	15
2.1 A compulsão à repetição .....	15
2.2. A concepção energética do psiquismo .....	19
2.3. Pulsões de vida x pulsões de morte.....	21
CAPÍTULO 3. A PULSÃO DE MORTE DEPOIS DE FREUD.....	24
3.1. Leituras de diversos autores sobre a pulsão de morte .....	24
3.1 A pulsão de morte como pulsão sexual.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	30

## INTRODUÇÃO

Nas leituras das obras de Freud e de outros autores da teoria psicanalítica, encontramos o conceito de pulsão de morte. Inicialmente, Freud concebeu-o como uma força potente que direciona o sujeito a um estado inorgânico, a sua própria morte. Outros autores, porém, afirmam que essa força não teria como seu sentido levar o sujeito ao perecimento. Começamos a nos questionar, então, qual seria a função (ou se mais de uma) desta pulsão e quais as suas implicações na vida do ser humano.

No texto *Além do princípio do prazer*, de 1920, Freud fala das experiências de alguns pacientes que repetem ações desprazerosas, constatando que estas seriam atividades da pulsão inicialmente objetivando a satisfação, mas que levaram ao desprazer. Todavia eles continuam a praticar tais ações, movidos por uma compulsão à repetição. Freud então conclui que esta compulsão à repetição seria uma característica da pulsão e tal comportamento da mesma indica uma tentativa de elaborar uma vivência dolorosa.

Freud vai além dessa ideia e afirma que o objetivo desta pulsão é chegar ao estado inorgânico, ao óbito, ao tentar manter o nível energético do psiquismo o mais estável possível, descarregando os estímulos que recebe. Freud chamou este aspecto da pulsão de pulsão de morte, atribuindo-a a todo ser vivo.

Alguns autores apresentaram outras concepções do que seria e como se daria a pulsão de morte. Jean Laplanche, por exemplo, diz que a pulsão de morte é eminentemente sexual, com uma dinâmica e um sentido diversos do que Freud concebia como morte biológica.

Nossa proposta é elucidar o conceito de pulsão de morte, tanto em Freud como em outros autores, procurando compreender suas implicações na constituição psíquica dos seres humanos.

Para compreender melhor este tema, os textos de Freud *A pulsão e seus destinos* e *Além do princípio do prazer* foram essenciais, pois é quando Freud começa a teorizar sobre as pulsões e a pulsão de morte:

...surgiu uma nova oposição entre as pulsões libidinais (do eu e do objeto) e outras pulsões, quanto às quais há que se supor que se achem presentes no eu e que talvez possam ser realmente observadas nas pulsões destrutivas. Nossas especulações

transformaram essa oposição numa oposição entre pulsões de vida (Eros) e as pulsões de morte. (FREUD, 1920, p. 69)

Para compreender melhor tal conceito, procuramos entender como se dá o funcionamento da pulsão de morte a partir da perspectiva psicanalítica, não só em Freud, mas também de autores posteriores à ele.



## CAPÍTULO 1. CONCEITO DE PULSÃO EM FREUD

Tal como expõem os autores Gilson Iannini e Cristian Ingo Lenz Dunker (2015), Freud inicia sua teorização no texto *Pulsão e seus Destinos*, de 1915, com uma colocação metodológica a seus escritos que considera científicos. Tal introdução relaciona-se não apenas à cientificidade da psicanálise, pois também prepara o leitor para o delineamento do conceito de pulsão.

Segundo Freud, é frequente a exigência de que, para se produzir ciência, deve-se partir de “conceitos fundamentais claros e precisos” (p.15). O autor, porém, adverte que não é possível formular uma tese científica desta maneira, pois seu começo consiste em descrever tais fenômenos e depois agrupá-los, ordená-los e, por fim, correlacioná-los. Ao descrever os fenômenos, não é possível esquivar-se de aplicar “ideias abstratas ao material” (p.15), que já haviam sido formuladas anteriormente, e não somente a partir de novos experimentos. Essas ideias, que se tornarão os conceitos fundamentais, vão se tornar imprescindíveis para se assimilar a “matéria” (p.15). Inicialmente estas ideias devem ter certa indeterminação, não sendo possível assim obter uma concepção delimitada dos conteúdos desta.

Durante este período, pode-se chegar a uma percepção do que tais ideias poderão significar, lembrando-nos sempre de seu âmbito empírico, do qual foram tiradas, e ao qual se subordinam. Elas não são selecionadas de maneira arbitrária, mas sim escolhidas por importantes ligações com o material da experiência, embora se acredite poder deduzi-las antes de reconhecê-las e demonstrá-las. Somente após certa apuração do material empírico estudado pode-se, então, compreender melhor os conceitos científicos fundamentais e assim remodelá-los de forma que sejam colocados sem paradoxos. Assim, pode ter chegado o instante de elucidá-los. Isso nos mostra que o desenvolvimento do pensamento não aceita inflexibilidade em suas definições, pois estes passam por constantes mudanças.

Após esse intróito metodológico, Freud começa a delinear o conceito de pulsão, considerado por ele como fundamental, convencional e obscuro.

O autor utiliza-se, primeiramente, da Fisiologia para clarificar o conceito de pulsão, comparando-o ao de estímulo e arco reflexo. Quando um estímulo externo

atinge o organismo, este o descarrega para fora através de uma ação, condizente com o objetivo de afastar-se de sua influência. A pulsão se assemelha ao estímulo, na medida em que funciona como um estímulo para o psíquico, não sendo, porém o único, pois há outros tipos de estímulos, não-pulsionais, como os fisiológicos. Um exemplo destes últimos é o retraimento da pupila sob luz forte.

Após estas observações, Freud diferencia o estímulo pulsional do fisiológico dizendo que o primeiro surge sempre do “interior do próprio organismo”, ao passo que o outro pode derivar também do “mundo exterior” (p.19). Em função desta dessemelhança, o estímulo pulsional age de forma diferenciada sobre o psiquismo, fazendo com que as formas para eliminar tal estímulo sejam, também, diferentes.

A essência do estímulo está em que este age como um “impacto único”, podendo ser também neutralizado por uma única ação adequada, na qual a solução estaria em uma saída motora da fonte que causou o estímulo. Estes impactos poderiam acontecer novamente e se agruparem, porém tal fato não alteraria o processo e nem as circunstâncias para que se cesse o estímulo. Já a pulsão não age como uma “força momentânea de impacto”, e sim como uma “força constante”. Por atacar o eu de dentro, e não do exterior, não existe fuga efetiva contra ela. Uma palavra capaz de denominar o que é o estímulo pulsional seria “necessidade”, e o que poderia acabar com tal necessidade seria a “satisfação”, somente alcançável por meio de uma alteração apropriada da fonte interna de estímulos (p.19).

Para exemplificar melhor o caráter interno da pulsão, Freud coloca como exemplo um ser vivo totalmente desamparado que recebe estímulos do mundo exterior. Este indivíduo futuramente terá condições de fazer uma distinção e ter uma primeira orientação sobre o que está dentro e o que está fora de seu corpo. Ele poderá receber estímulos dos quais terá a possibilidade de se afastar por meio de uma ação muscular, reconhecendo-os como do mundo externo, mas também receberá aqueles para os quais a fuga por meio da via motora não será possível. Estes últimos serão constantes, e servirão como marca do mundo interior, evidenciando as necessidades pulsionais. Tal indivíduo adquirirá, assim, a partir da atividade muscular, um índice para diferenciar o “fora” do “dentro” (p.21).

As pulsões, portanto, têm sua origem em fontes estimuladoras no interior do organismo e possuem uma força constante, sendo isso sua “essência e suas principais características”, o que implica em um aspecto importante: “sua inexpugnabilidade pelas ações de fuga” (p.21).

Baseando-se na biologia, Freud trabalha com o conceito de “tendência” (p.21), segundo o qual o sistema nervoso teria a missão de retirar, diminuir ou até mesmo, se possível, de conservar-se livre de qualquer tipo de estímulo. Uma tarefa ao sistema nervoso seria, então, “o domínio dos estímulos” (p.21), que, com o conceito de pulsão, torna bastante complexo o sistema reflexo fisiológico. Quanto aos estímulos advindos do mundo exterior, o sistema nervoso tem somente uma função, que é a de se livrar deles, o que pode ser realizado por meio dos movimentos musculares. Já os estímulos pulsionais, que têm sua origem no interior do organismo, não cessam por meio deste mecanismo. Dessa forma, são colocadas imposições superiores ao sistema nervoso, levando-o a ações complexas e entrelaçadas, exigindo alterações no mundo externo, que fornece satisfação à “fonte interna estimuladora” (p.23), obrigando o sistema nervoso a abster-se de sua missão ideal, de manter os estímulos afastados, pois precisa lidar com estímulos constantes. Freud conclui que as pulsões são os “verdadeiros motores dos progressos que conduziram o sistema nervoso” a tal capacidade de se desenvolver, podendo ser “precipitados dos efeitos de estímulos externos” (p.23) que levaram a uma transformação da substância viva.

Freud coloca que se presumirmos que a “atividade do aparelho anímico” mais avançado está submetida ao princípio do prazer, ou seja, é regulada por “sensações da série prazer-desprazer” (p.23), então será difícil negar que tais sensações reproduzem a forma como o comando dos estímulos se dá, considerando que a sensação de desprazer tem relação com o aumento, e a de prazer com uma diminuição do estímulo<sup>1</sup>.

Ao abandonar a Biologia e se voltar para a observação da pulsão a partir da vida anímica, Freud afirma que a pulsão é “um conceito fronteiro entre o anímico e o somático” (p.25), funcionando como “um representante psíquico dos estímulos oriundos

---

<sup>1</sup> Em “O problema econômico do masoquismo” (1924), Freud admitiu que há aumentos de tensão prazerosos (como no ato sexual), e diminuições de tensão desprazerosos, mas a abordagem dessa problemática nos afastaria por demais de nosso tema.

do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao psíquico em decorrência de sua conexão com o corpóreo” (p.25).

Freud propõe discutir alguns termos utilizados em correspondência com o conceito de pulsão. Tais termos seriam: *pressão*, *meta*, *objeto* e *fonte* da pulsão.

O autor explica que por *pressão* de uma pulsão pode-se compreender que se trata de um elemento motor, “a soma de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa” (p.25). Segundo Freud, a pulsão tem, como característica geral e essencial, ser impulsionadora, sendo uma parcela de atividade, e ao se falar sobre “pulsões passivas” quer-se dizer que elas possuem uma meta passiva.

A *satisfação* de uma pulsão é a sua meta, que será alcançada apenas com o fim do estado de estimulação da fonte pulsional. Porém, ainda que essa meta seja a mesma para diferentes pulsões, podem existir diversas alternativas para se chegar a ela, podendo haver para uma mesma pulsão várias metas aproximadas ou intermediárias, que se somariam ou se trocariam umas pelas outras. Existem também as “pulsões inibidas em sua meta” (p.25), que são processos tolerados durante parte do caminho para a satisfação pulsional, em que ocorre uma inibição ou desvio; nesse momento, pode-se falar de uma satisfação parcial da pulsão.

Em relação ao *objeto* de uma pulsão, Freud diz que ele “é aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar a sua meta” (p.25). O objeto é o que existe de mais volúvel na pulsão, mas sua fonte não está ligada a ele: o que conecta ambos é o fato de o objeto ser o veículo por meio do qual a pulsão pode se satisfazer. Este objeto não é impreterivelmente material e externo ao indivíduo, podendo ser uma parte de seu corpo. O objeto pode ser modificado diversas vezes durante o caminho das pulsões, e a estes deslocamentos que a pulsão segue podem ser conferidos as mais expressivas funções. Um objeto pode satisfazer simultaneamente a diferentes pulsões, o que caracteriza a *condensação*, um dos mecanismos do processo psíquico primário. Pode ocorrer também a *fixação*, que é uma forte ligação da pulsão com o objeto, ocorrendo principalmente no início do desenvolvimento pulsional, cessando a volubilidade da pulsão, pois impede que se desfaça a ligação entre este objeto e a pulsão.

A *fonte* da pulsão seria “o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão” (p.27). Freud exprime dúvidas quanto à natureza da fonte pulsional: se de natureza química ou proveniente da liberação de outras forças, como as mecânicas, mas afirma que essa investigação não pertence à Psicologia, mesmo que a origem de uma fonte somática seja o decisivo para a pulsão, pois apenas tomamos conhecimento destas na vida anímica por causa de suas metas. Ele afirma ainda que não é necessário ter um conhecimento específico das fontes pulsionais, dado ser possível elucidá-las a partir de suas metas.

Qualitativamente, as pulsões seriam da mesma ordem, e seus resultados são consequências das excitações que cada uma provoca, de tal modo que a diferença das relações psíquicas das pulsões deve ser situada na multiplicidade de suas fontes. Freud, porém, afirma que apenas futuramente se esclarecerá o significado do problema da qualidade pulsional.

Outra questão deixada em aberto é: “quais pulsões se podem designar e quantas elas seriam?” (p.29). Os diversos exemplos de pulsões fornecidos na literatura, como pulsão de destruição, de jogo, de sociabilidade, entre outros, poderiam ser apenas uma “decomposição adicional em relação às fontes pulsionais” (p.29), mas teriam um real valor apenas as pulsões chamadas de primordiais, não passíveis de decomposição.

Freud então divide as pulsões primordiais em “pulsões do eu”, ou de “autopreservação”, e as “pulsões sexuais”. Segundo ele, “trata-se apenas de uma mera construção auxiliar, que só deve ser mantida enquanto for útil”, sendo resultado do desenvolvimento histórico da Psicanálise, quando se estudou inicialmente as “psiconeuroses”, ou “neuroses de transferência” (p.29), e por meio destas foi possível compreender que a fonte do sofrimento estava no conflito entre a sexualidade e as exigências do Eu. Seria preciso um estudo mais aprofundado sobre “outras afecções neuróticas (sobretudo das psiconeuroses narcísicas: das esquizofrenias)” (p.31) e, talvez, reformular a díade pulsões sexuais x pulsões do Eu levando a uma nova fórmula das pulsões primordiais.

Freud diz ter dúvidas se seria possível dividir e classificar as pulsões a partir do material psicológico disponível, alegando que para fazer tal elaboração seria fundamental aplicar ao material psicológico suposições sobre a vida pulsional, e que

talvez fosse preciso recorrer a outro campo para depois transferi-las à Psicologia. A Biologia postula que a sexualidade não se iguala a outras funções do ser, pois tem como objetivo a reprodução, a preservação da espécie, de modo que existem duas concepções coexistindo na oposição entre o eu e a sexualidade, a primeira diz que o indivíduo “é o elemento principal” (p.31) e a sexualidade é apenas uma função, e a satisfação sexual uma necessidade. A segunda diz que o indivíduo é “um apêndice temporário e evanescente de um plasma germinativo quase imortal” (p.31).

Freud conclui dizendo que as pulsões sexuais, em geral, são “numerosas, advêm de múltiplas fontes orgânicas, agem inicialmente de forma independente umas das outras e só depois se reúnem em uma síntese mais ou menos acabada” (p.33). Já a meta a que as pulsões parciais visam é a “obtenção de prazer do órgão” (p.33); apenas após terem concluído a síntese, elas se prestam à função reprodutiva, em que são reconhecidas como pulsões sexuais, manifestando-se inicialmente ao se apoiarem nas “pulsões de conservação”, das quais se desligam aos poucos e vão à procura do objeto pelos caminhos apontados pelas pulsões do eu. Algumas das pulsões sexuais permanecem ligadas às pulsões do eu durante toda a vida, atribuindo a elas “componentes libidinais” não percebidos pelo funcionamento normal, e são constatados apenas a partir do adoecimento do indivíduo (p.33). Uma importante característica das pulsões sexuais é sua capacidade de se substituir umas às outras e poderem trocar seus objetos. Por apresentarem estas características, as pulsões sexuais também são capazes de práticas além de suas ações originais, “orientadas a determinadas metas (sublimação)” (p.35).

No livro *As pulsões e seus destinos*, 2015, os autores Gilson Iannini e Cristian Ingo Lenz Dunker, escreveram ensaios nos quais comentam estes outros textos de Freud. Eles concordam com o pai da psicanálise, afirmando que a pulsão precede o aparelho psíquico e o inconsciente, que ela liga o corpo à psique, tendo um aspecto fronteiro, limítrofe, criando certa indistinção entre o corpo e o aparelho psíquico. Para eles, a pulsão possui características flexíveis e construtivas, mas também tem qualidades rígidas, inalteráveis.

## **CAPITULO 2. A PULSÃO DE MORTE**

Após definirmos o conceito de pulsão conforme Sigmund Freud, agora apresentaremos como ele concebe a pulsão de morte, iniciando com o conceito de compulsão à repetição, que é um elemento importante para a segunda teoria pulsional freudiana.

### **2.1 A compulsão à repetição**

Em *Além do princípio de prazer* (1920), Freud afirma que o aparelho psíquico é regido pelo princípio de prazer e que este é colocado em movimento devido a uma tensão desagradável que surge no interior do aparelho. Para que se acabe com tal sensação de desprazer é necessário que aconteça uma redução desta tensão, seja evitando o desprazer ou produzindo uma sensação de prazer. Freud então sugere um ponto de vista “econômico” deste trabalho e diz que tentará “calcular” tal fator tornando possível uma melhor descrição do que acontece no aparelho psíquico. Freud nomeia tal ponto de vista de “metapsicológico” (p.17).

Foi possível se chegar às suposições descritas a seguir por meio de observações diárias no campo de estudo da psicanálise, que permitem relacionar o prazer e o desprazer de acordo com a quantidade de excitação presente no aparelho psíquico. Tal como vimos, desprazer é concebido como um “aumento na quantidade de excitação, e o prazer, a uma diminuição” (p.18). A ideia da prevalência do princípio de prazer no aparelho psíquico baseia-se na hipótese de que este se esforça por manter a quantidade de estimulação o mais baixa o possível, ou para mantê-la constante, pois “o princípio de prazer decorre do princípio de constância” (p.19).

Freud afirma, porém, que não procede a afirmação de que o princípio de prazer domine o aparelho psíquico, pois então a maioria dos processos mentais seria acompanhada de sensações de prazer ou levariam a elas, o que não foi confirmado por suas observações. O que é possível constatar é que existe uma “forte tendência” ao princípio de prazer, mas contrariada por outras forças, de modo que, no final do processo, nem sempre exista uma simetria com a “tendência no sentido do prazer” (p.19).

Voltando-se para os motivos que podem impedir que o princípio de prazer prevaleça, Freud descreve alguns exemplos no campo da experiência clínica. Sabe-se que o princípio de prazer é próprio de um funcionamento primário do aparelho psíquico, porém nada pode garantir em relação à autopreservação do organismo nas dificuldades com o mundo externo. Ao sofrer a influência das pulsões de autopreservação do eu, o princípio da realidade toma o lugar do princípio de prazer. O primeiro não abre mão de obter prazer, mas reivindica e atua adiando a satisfação, impondo as formas de se chegar a ela e fazendo com que a sensação de desprazer seja tolerada como se fosse um passo para se chegar à sensação de prazer. Entretanto, por diversas vezes, o princípio de prazer sobressai ao princípio de realidade, pois aquele é que rege as pulsões sexuais.

A substituição do princípio de prazer pelo da realidade não é a principal, nem a mais desagradável. Freud cita outra forma de liberação da sensação de desprazer, “os conflitos e dissensões que se efetuam no aparelho mental enquanto o eu está passando por seu desenvolvimento para organizações mais altamente compostas” (p.20). Grande parte da força que o aparelho utiliza tem origem em suas pulsões inatas, mas estas atingem diferentes fases de desenvolvimento. Pode acontecer que pulsões individuais ou pulsões parciais não sejam compatíveis, nos seus objetivos ou exigências, com os caminhos que o eu deseja seguir. Sendo assim, as pulsões individuais sexuais são expulsas do eu e recalçadas, afastadas da possibilidade de se satisfazerem. Se, por algum motivo, elas conseguem chegar à satisfação direta ou substitutiva, tal acontecimento é vivenciado pelo eu como uma sensação de desprazer. Como decorrência do conflito entre o eu e as pulsões sexuais, que culmina no recalque, ocorre então uma nova irrupção do princípio de prazer quando algumas pulsões tentam alcançar uma satisfação. Segundo a primeira teoria pulsional de Freud, todo desprazer neurótico surge do conflito entre o eu e as pulsões sexuais, originando-se um prazer que não pode ser realizado.

Existem outros fatores que levam ao desprazer, mas que não contradizem a predominância do princípio de prazer. A maioria das sensações de desprazer que experimentamos é “um desprazer perceptivo” (p.21). Tal sensação pode derivar de uma pressão das pulsões que não se satisfizeram, pode ser também a percepção externa do que é um incômodo ou que excita expectativas desprazerosas no aparelho psíquico, sendo reconhecido por este como um perigo.



O estudo dos sonhos é um dos métodos mais confiáveis no estudo do aparelho psíquico. Pessoas que sofrem de neurose traumática têm sonhos que as levam novamente à cena do acidente, forçando-as a acordar em outro susto, mas quando estão despertas, não parecem preocupadas em se lembrar do acidente: interessam-se mais em não se lembrar do acidente. Assim pode-se perceber que a função de sonhar está prejudicada nesses pacientes, está “afastada de seus propósitos”, ou pode-se começar a pensar sobre as “tendências masoquistas do eu” (p.23).

As brincadeiras de crianças, que são umas das primeiras atividades normais do aparelho psíquico, exemplificam como os indivíduos tentam ressignificar as experiências sentidas como desprazerosas. Ao reviver tais experiências, estes adotam uma postura ativa, o que não puderam fazer no momento da mesma. Um exemplo seria o caso analisado por Freud da criança que arremessava um objeto para longe de si e depois o puxa de volta, dizendo “fort-da” (que significa “lá-aí”) (p.24). A criança exprimiria sua frustração ao arremessar o objeto, assim como sua satisfação com seu reaparecimento. É possível observar semelhante recurso no adulto, quando se assiste a uma peça teatral, por exemplo, passando por experiências análogas às da criança, em que uma situação de desprazer pode terminar em prazer. Porém tais observações parecem não ser de grande utilidade para Freud, já que ele está investigando a existência de um além do princípio de prazer.

A partir de observações clínicas, Freud começa a perceber que os pacientes não recordavam algumas vivências, as mais essenciais, sendo na verdade obrigados a repetir o material recalado em vez de recordá-lo. Estas repetições “sempre têm como tema alguma parte da vida sexual infantil”, e são atuadas na relação “médico-paciente”. Quando tal fenômeno acontece pode-se dizer que a “neurose primitiva” do paciente foi substituída, na análise, pela “neurose de transferência” (p.28). Uma forma de lidar com tal acontecimento seria sustentar a neurose de transferência e esforçar-se para que o paciente se lembre do evento traumático, diminuindo assim a repetição. É necessário que o paciente repita algumas vivências no consultório, para perceber que o que ele tem como realidade é um “reflexo de um passado esquecido” (p.29).

Tal revivência de eventos passados é nomeada como “compulsão à repetição” e, segundo Freud, a resistência com que se lida nesse fenômeno não é uma resistência do

inconsciente, pois este “não oferece resistência alguma aos esforços do tratamento”, esforçando-se para tornar-se consciente ou para ter uma descarga “por meio de alguma ação real” (p.29). As resistências são de um sistema mais elevado do aparelho psíquico que levaram ao recalque. Pode-se afirmar que as resistências do paciente são colocadas pelo eu, ao passo que a compulsão à repetição é oriunda do recalado inconsciente.

A resistência do eu, seja ela consciente ou inconsciente, atua sob a interferência do princípio de prazer, buscando evitar o desprazer gerado pela liberação do material recalado. Porém o aparelho psíquico se empenha em conseguir tolerar o desprazer a partir do princípio de realidade. O que é vivenciado novamente na compulsão à repetição causa um desprazer para o eu, pois traz à tona as atividades das pulsões recaladas. Contudo tal ação não é contrária ao princípio de prazer, pois ao mesmo tempo em que gera desprazer para um sistema gera prazer para outro. A compulsão à repetição, entretanto, também rememora experiências que nunca levaram à satisfação.

As vivências repetidas pelo paciente no processo de análise o levaram ao desprazer no passado, e se elas fossem lembradas ou sonhadas, em vez de serem repetidas como experiências novas, causariam menos sofrimento a eles. Tal episódio é causado por pulsões que deveriam levar à satisfação, mas não se percebe que estas apenas levam ao desprazer e, por isso, continuam sendo repetidas, como uma compulsão.

Freud afirma que a transferência dos neuróticos na análise pode também ser observada na vida de pessoas consideradas normais, que têm a sensação de serem perseguidas por um poder maligno. A psicanálise, porém, defende que esta sensação é errônea, pois nós traçamos nosso próprio destino, “determinado por influências infantis primitivas” (p.31). A compulsão que estas pessoas normais sofrem se iguala à dos neuróticos, mesmo que elas não demonstrem nenhum tipo de conflito neurótico produzindo sintomas. Essa repetição da vivência passada não causa surpresa quando a pessoa tem um comportamento ativo, ou seja, contribui com suas ações diretamente para a situação. O que impressiona é quando uma pessoa tem uma experiência passiva ao repetir uma vivência passada, como se tudo ocorresse com e a partir de fatos externos.

Com base nessas reflexões, pode-se concluir que existe uma compulsão à repetição, e que esta supera o princípio de prazer. Pode-se, também, relacionar esta compulsão aos sonhos nas neuroses traumáticas e às brincadeiras das crianças.

## **2.2. A concepção energética do psiquismo**

O aparelho psíquico recebe estímulos tanto externos quanto internos e possui um escudo que o protege dos estímulos externos, reduzindo as excitações, mas que não existe para os internos. As excitações das camadas mais profundas se estendem para as outras camadas sem algo que as amenize. Tal fato gera duas consequências: a primeira é que as sensações de prazer e desprazer têm predominância sobre os outros estímulos internos. E a segunda é que o aparelho psíquico cria uma forma específica de lidar com os estímulos desprazerosos, tratando-os como se viessem de fora e não de dentro, podendo ser colocado um escudo contra estes estímulos para que seja possível uma defesa contra eles; trata-se da *projeção*, um mecanismo importante na análise de patologias como a psicose.

As excitações que vêm do mundo externo e atravessam esse escudo protetor são consideradas traumáticas por Freud. Segundo ele, uma experiência traumática vinda de fora pode levar a um distúrbio no funcionamento da energia do organismo e fazer com que se coloquem em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Nesse momento, o princípio de prazer está fora de ação, e surge a dificuldade de dominar as grandes quantidades de estímulos que adentraram ao aparelho psíquico.

Pode-se ter uma sensação de desprazer físico quando uma parte do escudo protetor é atravessada. Para se livrar das excitações que adentraram o aparelho psíquico, o organismo reage enviando “energias de investimento” [*Besetzungsenergien*] de todos os arredores da ruptura. Sendo assim, podemos perceber que o sistema que acolhe um alto investimento é capaz de receber uma nova energia e convertê-la em um “investimento quiescente”, ligando-a psiquicamente. Quanto maior o “investimento quiescente” do sistema, mais alta será a sua força ligante, ao passo que quanto mais baixo o “investimento quiescente” (p.40), maior será a violência com que o sistema recebe os estímulos externos. Os processos excitatórios têm características quantitativas. Existem dois tipos de investimento dos sistemas psíquicos: “um que flui livremente e pressiona no sentido da descarga e um investimento quiescente” (p.41). Suspeita-se que

a vinculação da energia que vai para dentro do aparelho psíquico seja uma mudança do investimento livre para o quiescente.

Sendo assim, parece que a neurose traumática acontece devido a uma ruptura no escudo contra os estímulos. O susto, que acontece no trauma, é importante para compreender essa ruptura. Ele é “a falta de qualquer angústia preparatória [*Angstbereitschaft*], inclusive a falta de hiperinvestimento dos sistemas que seriam os primeiros a receber o estímulo” (p.41). Por causa do baixo investimento, esses sistemas não conseguem ligar as altas excitações, levando a grandes consequências. Pode-se perceber que o hiperinvestimento dos sistemas e a angústia preparatória são de extrema importância para a defesa contra os estímulos.

Voltando aos sonhos, pode-se dizer que eles são realização de desejos e estão sob a dominância do princípio de prazer, mas têm outra função nas neuroses traumáticas, momento em que o princípio de prazer perde a sua predominância. Nessas neuroses, o sonho parece ter a função de “dominar retrospectivamente o estímulo” (p.41) e trazer novamente à tona a angústia que foi sentida no momento do trauma.

As neuroses de guerra poderiam ser neuroses traumáticas que surgiram devido a um conflito no eu. A violência mecânica do trauma pode liberar uma quantidade de excitação sexual e, por causa da inexistência da angústia preparatória, levaria a um trauma, todavia o dano corporal exigiria um “hiperinvestimento narcisista” do órgão que sofreu tal dano, sujeitando a um “excesso de excitação” que atenuaria ou evitaria o trauma psíquico. Sabe-se também que “distúrbios graves na distribuição da libido, tal como a melancolia”, são interrompidos quando um dano orgânico é sofrido pelo indivíduo. Até mesmo uma “demência precoce” pode ser interrompida nessas circunstâncias (p.43).

A camada protetora de estímulos não funciona para as excitações que vêm do interior do organismo, o que faz com que estas tenham uma maior importância econômica, acarretando o que pode ser chamado de “distúrbios econômicos” (p.43), similares às neuroses traumáticas. As fontes das excitações internas do organismo, as pulsões, podem ser consideradas o mais importante na investigação psicológica, representando as forças que surgem no interior do corpo e que são transmitidas ao aparelho psíquico.

A partir do estudo sobre os sonhos, percebeu-se que a libido no inconsciente é deslocada, transferida facilmente, ela é livre e móvel, diferente do que ocorre no pré-consciente. Esta energia livre do inconsciente é considerada um processo primário, já a do pré-consciente seria um processo psíquico secundário. Para que o princípio de prazer ocorra de forma consistente é necessário que o processo primário se submeta ao secundário. Quando a compulsão à repetição, que tem um caráter pulsional, age de maneira a se opor ao princípio de prazer, ela adquire a “aparência de alguma força demoníaca em ação” (p.45). Tal aspecto da compulsão à repetição é percebido no processo de análise. Diferente da repetição nas brincadeiras de crianças, que geram um prazer, a repetição na transferência na análise é experimentada como um sofrimento, pois as vivências da infância que foram recalçadas são repetidas pelo adulto em análise e são experiências que não se sujeitaram ao processo secundário.

Como dito anteriormente, a compulsão à repetição tem um aspecto pulsional, e este funciona de forma a restaurar um estado anterior de coisas, o que foi surpreendente para Freud, pois ele acreditava que as pulsões tinham a função de desenvolvimento, de mudança. Supõe-se que além das pulsões de autoconservação, que levam à repetição, exista um outro tipo de pulsão que impulsiona ao progresso. O principal objetivo então das pulsões de autoconservação seria retornar a um estado inorgânico. Freud chega até mesmo a afirmar que “o objetivo de toda vida é a morte” (p.48), mas uma morte que o organismo almeja, uma morte considerada natural e não outra. O autor coloca que o organismo “deseja morrer do seu próprio modo” (p.49).

Assim como as pulsões de autoconservação, as pulsões sexuais também procuram restaurar um estado anterior, mas são ainda mais conservadoras, pois tentam prolongar a vida do indivíduo. As pulsões sexuais também podem ser chamadas de pulsões de vida, pois elas operam contra as outras pulsões que conduzem à morte, indicando que existe uma oposição entre estas.

### **2.3. Pulsões de vida x pulsões de morte**

Para Freud, as pulsões sexuais representam a vontade do indivíduo de viver. Para fundamentar suas proposições, o autor compara sua teoria da libido ao momento de conjugação de células unicelulares, o momento em que as células se agrupam para evitar seu envelhecimento e conseqüentemente sua morte. No momento de união destas,

é como se uma célula tomasse a outra como objeto e ambas, assim, neutralizariam parcialmente a pulsão de morte. Freud chega a dizer que algumas células “se comportariam de maneira completamente narcisista” e que estas “exigem sua libido”, a atividade de suas pulsões de vida, para si mesmas, funcionando como uma reserva para posteriormente utilizar para se desenvolver (p.59).

Vale recordar os caminhos que a libido pode percorrer. Esta pode ser retirada do objeto e retornar ao próprio eu, sendo este o “verdadeiro e original reservatório da libido”, do qual a libido se dirigirá para os objetos. O eu se encontra, assim, entre os objetos sexuais e toma a frente entre eles. A libido que se dirige ao eu é a libido “narcísica” (p.60), uma expressão da pulsão sexual, assim como da pulsão de autoconservação. Dessa forma, a oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais mostrou ser inadequada, uma vez que parte das pulsões do eu era libidinal e que as pulsões sexuais agiam no eu. A partir de tal pensamento, Freud se questiona se não haveria então apenas um tipo de pulsão, a pulsão libidinal, hipótese recusada por ele, mas aceita por outros autores, como Carl Jung.

Para se pensar a oposição pulsão de vida x pulsão de morte é trabalhada outra contraposição: amor e ódio. O sadismo é tido como existente desde o princípio da vida do indivíduo, podendo inclusive dominar sua atividade sexual, sendo predominante nas organizações pré-genitais. Freud se questiona como uma pulsão sádica, que tem como meta prejudicar o objeto, poderia derivar de “Eros” (p.61), da pulsão de vida, que a conserva, mas então lança a hipótese de tal sadismo estar a serviço da pulsão de morte, e de a libido narcísica o expulsar do eu e fazer com que posteriormente ele se dirija aos objetos. Conclui-se assim que a pulsão sádica está a serviço da função sexual. Durante a fase oral, “o ato de obtenção de domínio erótico sobre um objeto coincide com a destruição desse objeto” (p.62), subsequentemente a pulsão sádica isola-se e na fase da primazia genital domina o objeto sexual com o objetivo de reprodução. Pode-se concluir que o sadismo expulso do eu tomou rumo para os elementos libidinais da pulsão sexual e estas o acompanharam até o objeto. Percebe-se que se o “sadismo original” (p.63) não sofrer nenhuma mistura ou remissão, será encontrada a ambivalência amor e ódio na vida erótica.

Nesse texto, Freud considera que o masoquismo “deve ser encarado como um sadismo que se voltou para o próprio eu do sujeito” e “um retorno a uma fase anterior da história da pulsão, uma regressão”, do que se poderia concluir pela possibilidade de um “masoquismo primário” (p.63). A partir de tais teorizações, observamos que existe uma associação das pulsões de morte com as pulsões de vida desde o início da vida dos indivíduos.

Outra diferença entre as pulsões de vida e morte é que as primeiras têm um maior contato com as excitações internas e parece produzir tensões internas, levando o indivíduo a descarregá-las, produzindo uma sensação de alívio que é experienciada como prazerosa, já as pulsões de morte agem de maneira considerada discreta pelo autor. O princípio de prazer trabalharia em função das pulsões de morte, pois este princípio se presta a proteger o aparelho psíquico principalmente dos estímulos vindos de dentro em razão de considerar que estes estímulos “tornariam mais difícil a tarefa de viver” (p. 71).

Pode-se perceber que Freud apresenta certa dificuldade ao tentar explicitar as pulsões de vida e as pulsões de morte. Segundo sua descrição, ambas parecem ter características muito semelhantes, como serem conservadoras por exemplo. Para melhor compreender a pulsão de morte, abordaremos outras teorizações a seu respeito.

## **CAPÍTULO 3. A PULSÃO DE MORTE DEPOIS DE FREUD**

### **3.1. Leituras de diversos autores sobre a pulsão de morte**

Alguns autores concordam com o pensamento de Freud de que a pulsão de morte tem o objetivo de restaurar um estado anterior de coisas, de retorno ao inorgânico. Eero Rechartt e Pentti Ikonen (1988) são dois desses autores, que consideram que a pulsão de morte seria uma forma de se chegar um estado de paz que elimina o que perturba, para voltar a um estado anterior de apaziguamento. A agressividade, outro conceito bastante discutido na psicanálise, seria apenas uma maneira usada pela pulsão de morte para chegar ao seu objetivo. Para eles, ao mesmo tempo em que a pulsão de morte destrói as estruturas psíquicas ela as fortifica, servindo também para eliminar tudo o que sobra, que está em excesso, sendo considerada tanto destruidora quanto estabilizadora; sua função seria levar a um estado de paz por meio do apaziguamento de perturbações.

Segundo Rechartt, a pulsão de morte não tem um objeto ou ação particular para satisfazer-se. Sua forma de satisfação é retornar a um estado anterior onde não há perturbação, ou seja, não há o incômodo gerado por uma libido desligada. A indiferença e a destruição são derivados da pulsão de morte, enquanto a compulsão à repetição trabalha a favor desta pulsão, podendo levar à destruição de outras atividades psíquicas.

De acordo com Hanna Segal (1988), hoje é possível observar clinicamente a pulsão de morte pura, sem que ela precise se ligar à libido. Dessa forma, a pulsão de morte não teria apenas o objetivo de apaziguar o aparelho psíquico, tendo o aspecto tanto destrutivo como gerador de certo prazer. O desejo de destruir o objeto seria uma projeção, no objeto, do desejo de destruir a si próprio, é tanto um desejo voltado para o eu como para o objeto, simultaneamente.

André Green (1988) também coloca que a pulsão de morte tem uma função destruidora e não de levar a um estado de paz. Segundo ele, a autodestruição é a função da pulsão de morte assim como a função sexual é uma função da pulsão de vida, e a única forma de perceber ambas as pulsões é através dos objetos. Enquanto a meta da pulsão de vida é ligar as pulsões a objetos, a da pulsão de morte é de desligar as pulsões dos objetos, tem uma “função desobjetalizante” (p.60). Pode-se perceber então que não



apenas a relação com os objetos é atacada, mas, também, todos os substitutos destes. O desinvestimento seria a manifestação da destruição pela pulsão de morte.

### **3.1 A pulsão de morte como pulsão sexual**

A teoria sobre a pulsão de morte proposta por Jean Laplanche parece-nos a melhor dentre as que investigamos. Segundo o autor, a pulsão de morte seria uma pulsão sexual e surgiria dos primeiros processos psico-somáticos vivenciados pelos indivíduos, como o masoquismo primário por exemplo.

O masoquismo primário seria considerado o aspecto “auto”, reflexivo, da pulsão de morte, o primeiro estado de todo ser humano, que se encontra em uma completa passividade e dependência do outro, do adulto que entra em contato com o bebê. O masoquismo primário surge de um ataque pulsional interno, presente desde as primeiras fases do desenvolvimento da vida do sujeito e se liga libidinalmente a uma co-excitação sexual.

O princípio de constância proposto por Freud se opõe ao processo primário, atua na preservação da vida, cumpre a função de ligar as energias livres presentes na pulsão de morte e participa do processo secundário ligado ao eu. Para que o princípio de constância atinja seu objetivo, o aparelho psíquico subordina o princípio de prazer ao princípio de realidade. Apenas em sua radicalidade o princípio de prazer reduziria a tensão psíquica a zero, tal como preconizado no assim chamado princípio de nirvana. Para Freud, a pulsão de morte poderia ser vista como uma prioridade do princípio de nirvana sobre o da constância.

Laplanche (1985) aponta que em *Além do princípio de prazer* Freud se contradiz diversas vezes. A primeira é quando Freud diz que uma única pulsão é capaz de acabar com toda tensão, e que o masoquismo gera um aumento da tensão. Outra contradição se dá quando Freud afirma que ao mesmo tempo em que o organismo tenta se manter constante, está submetido à primazia do zero, que ele se volta para um estado anterior, para o inorgânico. Todavia existe uma excitação interna que age para manter o organismo constante, como que para preservar a vida, não permitindo que este atinja o zero, a morte. Ao contrário do que afirma Freud, Laplanche diz que um ser vivo não

busca unicamente descarregar os estímulos vindos do mundo exterior, mas também pode buscar excitá-los, evitá-los ou, até mesmo, evacuá-los.

Em sua exposição no livro *A pulsão de morte* (1988), Laplanche reafirma o que foi dito por Freud em *Além do princípio de prazer* de que a pulsão de morte é a pulsão de sua própria morte, a morte é sempre a morte do próprio indivíduo, e não de outro.

A pulsão nasce do apoio da sexualidade no corpo, mas ela não é um ser limite entre o psíquico e o somático, como queria Freud. Somente a sexualidade é pulsão, e somente ela que é propriamente recalcada. Existem dois aspectos diferentes da sexualidade: o primeiro como pulsão de vida, ligada, investida no objeto, com o objetivo de conservá-lo, de manter o eu como objeto, e o segundo é como pulsão de morte, desligada, demoníaca, primária, com o único intuito de satisfazer seu desejo o mais rápido possível e pelas vias mais curtas.

O recalque originário instaura tanto a pulsão de morte, que se encontra no centro do inconsciente, no centro da pulsão sexual, quanto o inconsciente originário, que foi recalcado e constitui a pulsão sexual. Tudo se inicia com a sedução originária, em que mensagens veiculando sentidos e desejos de cunho sexual consciente e inconsciente são enviadas pelos adultos à criança, que não é capaz de compreender e decodificar tais mensagens, que se tornam então “significantes enigmáticos” (p.18). O primeiro recalque resultaria, então, da tentativa necessariamente fracassada de ligar estas mensagens, o que constitui um primeiro tempo do trauma psíquico. Estes objetos ou representações de coisas que se tornaram inconscientes são a fonte da pulsão, seus “objetos-fonte” (p.18), que atacam e ameaçam o eu, representando o núcleo da pulsão de morte.

As funções de autoconservação se opõem às sexuais para manter o aparelho psíquico constante, mas não são recalcadas e não participam no conflito psíquico, pois é o eu, cuja energia é também libidinal, que conflita com a sexualidade desligada. Somente a pulsão sexual é recalcada, ela deriva do fracasso de tradução das mensagens sexuais que o adulto envia à criança.

A todo momento o ser humano tenta se apropriar de si, falar em primeira pessoa e não em terceira, que é a fala do inconsciente, da pressão das pulsões, ou seja, tenta sair

da passividade frente ao isso, mas tal objetivo seria infinito. O isso funciona como uma exigência de trabalho, como um corpo estranho interno.

A pulsão de morte corresponde à sexualidade sujeita à compulsão à repetição, ao processo primário, momento em que o princípio de prazer está a seu serviço, tendo como objetivo reduzir por completo as tensões. Já quando o objetivo do princípio de prazer é manter constante o aparelho psíquico, está a serviço da pulsão de vida.

As pulsões de vida e morte se opõem em diversos aspectos: em seus objetivos, no funcionamento energético, na relação com eu e nos objetos-fontes.

As pulsões sexuais de vida funcionam segundo o princípio de energia ligada (princípio de constância); seu fim é a síntese, a manutenção ou a constituição de unidades e de vínculos; são conformes ao eu; seu objeto-fonte é um objeto “total”, regulador. As pulsões sexuais de morte funcionam segundo o princípio de energia livre (princípio do zero); seu fim é a descarga pulsional total; mesmo que isto custe o aniquilamento do objeto; são hostis ao eu, o qual tentam desestabilizar; seu objeto-fonte é um aspecto clivado, unilateral, um indício do objeto. (Laplanche 1988 p.105)

Tal diferenciação só é possível se supusermos que ambas as pulsões vêm da mesma energia libidinal. A pulsão de vida tem o objetivo de se unir à pulsão de morte, e esta tem a finalidade de se separar da pulsão de vida e de desunir a própria pulsão de vida. A morte psíquica pode acontecer de duas formas: pela invasão do eu pela pulsão de morte, a energia não ligada, ou pela manutenção do aparelho psíquico constante evitando quaisquer estímulos. Quando a pulsão se descarrega por completo o psiquismo atinge o nível zero, que corresponderia à morte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas realizadas sobre a pulsão de morte na teoria psicanalítica, percebemos que esta tem como princípio realizar sua meta de maneira imediata, sem se importar com os meios necessários para descarregar esta excitação.

O aparelho psíquico dos sujeitos tende a se manter o mais estável possível e os estímulos que chegam a ele o excitam, atrapalhando assim seu funcionamento. Tais excitações que surgem como um impulso são chamadas de pulsões.

Existem diferentes formas de o aparelho psíquico manter-se constante. Uma delas é o sujeito encontrar uma forma de satisfazer seus desejos de acordo com o que a sociedade considera aceitável, sendo benéfico tanto para o próprio sujeito, pois este está descarregando os estímulos vindos tanto de fora quanto de dentro dele, sem ter que entrar em conflito com o mundo externo. Tais maneiras saudáveis de descarregar a tensão gerada no psiquismo do sujeito são possíveis, pois o mesmo tem conhecimento do objeto e do objetivo que deseja atingir, sendo capaz de esperar um melhor momento para realizar tal satisfação. Estas formas de satisfazer um desejo são da pulsão de vida.

Porém existe um impulso em todo ser humano de satisfazer a um desejo do qual não tem pleno conhecimento, só consegue compreender parte dele. A força que impulsiona o sujeito a satisfazer tal impulso desconhecido seria a pulsão de morte e, diferente da pulsão de vida, não apresenta um objeto e objetivo claros. A pulsão de morte não é apenas obscura para o sujeito como também o leva a tentar descarregar esta excitação o mais rápido que puder, não lhe sendo possível encontrar uma forma considerada adequada e aceitável pela sociedade para satisfazer tal desejo.

Outra característica da pulsão de morte é a compulsão à repetição. Já que não compreende de onde vem e como deve satisfazer o estímulo, o sujeito tende a repetir por diversas vezes algum ato a fim de tentar compreendê-lo.

O objetivo do aparelho psíquico ao satisfazer tais impulsos é tentar manter-se estável, sem muitas excitações. Para Freud, a consequência última deste funcionamento seria a morte. Inclusive a meta do aparelho psíquico seria a sua própria morte, mantendo-se assim livre de qualquer estímulo.

Concordamos com a conclusão de Laplanche de que a pulsão de morte é uma pulsão *sexual* de morte, o que concorda plenamente com sua teoria da sedução generalizada, segundo a qual toda pulsão é sexual, surgindo quando o ser humano é ainda um bebê. Segundo ele, a sexualidade é implantada no bebê quando os cuidadores, ao se encarregarem do pequeno ser vivo, excitam-no e transmitem-lhe mensagens de cunho sexual, das quais o bebê ainda não tem capacidade de compreender e traduzir, tornando-se assim mensagens enigmáticas.

As pulsões sexuais surgem a partir destas mensagens que foram recalçadas, estas se tornam os “objetos-fonte” das primeiras. Para Laplanche, a pulsão sexual de morte seria então a primeira a surgir, ela tem sua origem no fracasso da criança de compreender as mensagens sexuais enigmáticas transmitidas pelo adulto. Já a pulsão de vida viria *a posteriori*, em um segundo momento, quando o sujeito recalca vivências consideradas traumáticas.

Sendo assim, podemos perceber que a diferença primordial entre essas duas pulsões se dá em função de suas origens. A pulsão de morte tem como objeto-fonte algo que será sempre desconhecido para o sujeito, já a pulsão de vida tem sua origem em algo que pode vir a se tornar consciente (de alguma forma e em algum grau). Assim, podemos compreender o porquê das outras diferenças entre as pulsões: a pulsão de vida apresenta um objeto total, sendo uma energia ligada, tendo como objetivo a constância, diferente da pulsão de morte, que é destrutiva, não apresenta uma energia ligada, seu objeto é clivado e apresenta como objetivo o princípio de nirvana, o zero.

Aparece a questão de se, tal como a pulsão de vida tem saídas saudáveis para o sujeito, a pulsão de morte também as teria. Será possível significar as expressões da pulsão de morte e ligar tal energia tão destrutiva? Acreditamos ser possível tal resolução para esta força conhecida como demoníaca, dar sentido ao que não foi compreendido, pois se esta é percebida como pulsão, existe a alternativa de tentar satisfazê-la de forma que o aparelho psíquico não seja aniquilado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAMASCENO, Maurício Henriques. (2008). Origem filosófica e significado metapsicológico do conceito de pulsão de morte em Freud. Dissertação (Mestrado da faculdade de filosofia e ciências humanas) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- FIRMINO, Carlo Eduardo. (2015). A pulsão de morte em Freud e Laplanche: possíveis contribuições para o debate sobre a felicidade. Monografia. (conclusão do curso de especialização em psicanálise). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: v.18: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. As Pulsões e seus destinos (1915). In: FREUD, S. Edição Bilingue das Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Aautêntica Editora, 2015.
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924) In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LAPLANCHE, J. (1992) *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAPLANCHE, J. A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In LAPLANCHE, J. *Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- PAVAN, Gonçalves, Carolina Gomes. (2005). Duas direções para a repetição na teoria psicanalítica. Monografia (Conclusão do curso de especialização em psicanálise). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

Yorke, C., Rechartd, E., Segal, H., Widlöcher, D., Ikonen, P., Laplanche, J., Green, A.  
(1988). *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta.